



***Psychologia do christianismo* (1910) de Abdias Neves: marco para psicologia piauiense**

Psychology of christianity of Abdias Neves (1910): a landmark of Piauí psychology

João Paulo Macedo
Mayara Carneiro Alves Pereira
Francisca Maira Silva de Sousa
Naira Janiery G. Cordeiro Carvalho
Dania Mendes Ribeiro
Natalia de Souza Silva
Universidade Federal do Piauí
Brasil

Resumo

Trata sobre a importância de Abdias Neves (1876-1928) para história da psicologia no Piauí, com o polêmico *Psychologia do Christianismo*. Neste livro, o autor toma a Psicologia como argumento central para pensar a relação dos homens com os mitos, suas transformações e relações com a religião. Objetiva-se, portanto, apresentar em linhas gerais de que modo a Psicologia comparece no conjunto da obra do autor, para em seguida situar a estrutura do livro, o conjunto de autores e ideias que Abdias Neves fez uso para sustentar a linha argumentativa do seu *Psychologia do Christianismo*, além da síntese do livro. Trata-se de um estudo bibliográfico. Para o autor, a Igreja Católica consolidou sua hegemonia e poder também por meio do investimento de experiências e sentimento religioso, constituindo uma espécie de “eu psicológico”. Apesar de esquecido, é um livro de estimado valor para memória da psicologia piauiense e, quem sabe, brasileira.

Palavras-chaves: história da psicologia; psicologia piauiense; literatura; religião

Abstract

The article approaches the importance of Abdias Neves (1876-1928) to Piauí State's history, concerning his controversial book *Psychology of Christianity*. In this book, the author takes Psychology as the central argument to reflect about the relationship between men and myths, its transformations and relations with religions. This article aims, therefore, to present, in general lines, the way Psychology is portrayed in the work of these author, to then situate the structure of the book, the set of authors and ideas that Abdias Neves mentions to base his argumentative line, and the synthesis of the book. This was a bibliographic study. For the author, the Catholic Church consolidated its hegemony and power by also investing in religious experiences and feelings, implementing a sort of “psychological self”. Despite forgotten, this book has a great value for the memory of Psychology in Piauí, and, perhaps, in Brazil

Keywords: history of psychology; Piauí psychology: literature; religion

Introdução

Quatro décadas nos separam da chegada dos primeiros psicólogos às terras piauienses. Além disso, o ano de 2018 marca 20 anos de funcionamento dos primeiros cursos de



Psicologia no estado do Piauí, sendo que atualmente existem treze cursos instalados (capital e interior) e um Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Apesar do acúmulo de experiências e atividades de pesquisa ao longo desses anos, a falta de referências quanto à memória da Psicologia no estado do Piauí e o silêncio da categoria e das agências formadoras sobre o assunto, denota dificuldade em pensar os processos históricos constitutivos do solo sociocultural em que os conhecimentos e práticas psicológicas que aqui chegaram foram disseminados, ganharam força e foram incorporados na cultura profissional local.

Para muitos, a Psicologia passou a se fazer presente no território piauiense tão somente com a chegada dos primeiros profissionais, o que ocorreu em meados de 1970. Porém, antes disso, os saberes psicológicos, sistematizados ou não em conhecimentos científicos (Massimi, 2009; Antunes, 2012), já circulavam em artigos, periódicos e folhetins da imprensa local e no meio literário, desde o final da segunda metade do séc. XIX.

No presente artigo daremos destaque ao papel de Abdias da Costa Neves (1876-1928), literato piauiense de várias facetas, dentre elas a de jurista, político e partidário do anticlericalismo, autor do polêmico *Psychologia do Cristianismo* em 1910 e outras obras, constituindo-se como importante divulgador dos conhecimentos psicológicos em nosso estado no início do século XX.

Assim, objetivamos conhecer aspectos gerais trabalhados por Abdias Neves em relação à Psicologia no conjunto da sua obra; para, em seguida, tratar mais diretamente sobre o livro *Psychologia do Cristianismo* (Neves, 1910), a fim de compreender o lugar que a Psicologia ocupou na trama conceitual e lógica interna dos argumentos utilizados pelo autor, inclusive adotando-a como título do livro.

Metodologicamente realizamos uma leitura bibliográfica dos principais escritos do autor, de modo a apresentar um quadro geral sobre sua trajetória intelectual, especialmente por ser mais conhecido no âmbito da literatura (regional). Após situar o autor no conjunto de sua obra, acompanhado da análise crítica de comentadores (fontes secundárias), abordarmos a estrutura do livro objeto da análise, identificando seu contexto de produção a partir do conjunto de autores e ideias com os quais Abdias Neves fez uso para sustentar a linha argumentativa do seu texto (fonte primária). Por fim, apresentamos uma espécie síntese do livro com uma visão geral da obra. No geral, a análise foi subsidiada pela respectiva literatura crítica disponível.

Psychologia do Cristianismo é um livro “esquecido” da literatura piauiense, considerando a pouca visibilidade dada pela crítica literária e pela historiografia regional, mas também no âmbito da psicologia piauiense. Por isso a justificativa do estudo, no sentido de resgatar a memória da psicologia piauiense quanto à produção literária local, fonte e potencial de contribuição inclusive para a história da psicologia nacional.



1. Um arguto pensador e crítico do seu tempo

Abdias Neves, assim eternizado, foi um homem que se implicou com a política, amou a arte, principalmente a literatura, se constituiu como anticlerical declarado, livre-pensador e maçom. Advindo de uma família simples, sem muitos recursos financeiros, formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, no Recife, em 1898. A experiência universitária colaborou para que alcançasse uma formidável formação intelectual. O solo acadêmico-cultural para desenvolver tal feito foram as ideias do positivismo e do monismo evolucionista, a partir das concepções científicas e filosóficas de Auguste Comte, Charles Darwin, Herbert Spencer, Ernst Haeckel, Stuart Mill, pensadores estes bastante influentes na formação daquela geração, além da influência direta de Tobias Barreto e Sílvio Romero em sua formação universitária (Pinheiro, 2003). Tais teóricos deram ao nosso autor uma sólida compreensão no âmbito das ciências, do método científico e da busca por compreensão de leis e tendências para explicar a conduta e evolução da sociedade humana (Feitosa, 2006).

Depois de formado bacharel, Abdias Neves retorna ao Piauí completamente marcado pelas ideias materialistas e cientificistas do seu tempo, especialmente pela Teoria dos Três Estados de Auguste Comte (teológico, metafísico e positivo) e pela Teoria Evolucionista e Associacionista, como forma de compreender a organização social e do indivíduo moral em sociedade. Assim, engaja-se em diversas atividades na vida pública, iniciando como Procurador da Fazenda Estadual e professor de inglês do Liceu Piauiense, lecionando por lá também as disciplinas de Alemão e de Lógica. Entre 1900-1902 exerceu o cargo de Juiz de Direito interino no interior do estado, no município de Piracuruca, para em seguida transferir-se para capital piauiense e exercer o cargo de Juiz Substituto Federal até 1914. Assumiu o cargo de Senador da República pelo Piauí entre os anos de 1915 e 1924, e depois passou a Juiz de Direito no município de Castelo do Piauí. Foi ainda professor de pedagogia da Escola Normal e diretor dos internatos *Ateneu Piauiense*, *24 de Janeiro* e *São Vicente de Paulo*, sendo o proprietário do primeiro (Feitosa, 2006).

Ademais, como anticlerical declarado e militante da maçonaria, escreveu textos jornalísticos para a imprensa local e nacional reportando e analisando com aguda crítica os acontecimentos políticos e sociais do Piauí de sua época. Não por menos, os escritos e pronunciamentos do autor foram dedicados a divulgar os postulados do cientificismo e do positivismo, e combater, com desprezo, as explicações teológicas e metafísicas da vida, a partir da radical defesa da autonomia do Estado e das liberdades individuais, em detrimento ao que pregava o Catolicismo. Abdias Neves entendia que a Igreja e a herança conservadora dos tempos da escravidão e da monarquia, ainda presentes na sociedade brasileira de sua época, em especial na piauiense, eram a causa do atraso para a modernização e o progresso do País. Por isso o seu combate a essas ideias (Pinheiro, 2003).



Como literato, publicou as seguintes obras: *A Guerra de Fidié*, em 1907; *Imunidades Parlamentares*, em 1908; *Um manicaca*, em 1909; *Psychologia do Christianismo*, em 1910; *A elegibilidade do Marechal*, em 1910; *Da autonomia municipal*, em 1913; *Um caso eleitoral*, em 1915; *Discursos pronunciados no Senado Federal em 1915*, em 1916; *Política das estrelas de ferro e das finanças da República*, em 1916; *O Brasil e as esferas de influência de Paz*, em 1919; *O Piauí na Confederação do Equador*, em 1921; *Aspectos do Piauí*, em 1926. Também escreveu inúmeros ensaios em revistas e jornais da imprensa local, nacional e internacional, como *La Nación* (periódico de Buenos Aires).

2. A Psicologia na obra de Abdias Neves

Como erudito que foi em seu estilo literário e historiográfico, a marca do autor era recorrer a estudos das mais diversas áreas do conhecimento, científico e filosófico, para fundamentar análises sobre o homem e a sociedade piauiense. No caso da Psicologia, percebemos que o autor a utilizou como recurso argumentativo para corroborar suas teses e críticas em pelo menos quatro direções complementares em sua obra.

Na primeira, retratada por livros com profundo conhecimento histórico, *A Guerra de Fidié* (Neves, 1907/1985), *O Piauí na Confederação do Equador* (Neves, 1921) e *Aspectos do Piauí* (Neves, 1926), em que o autor investe na compreensão do homem piauiense, desvelando seu temperamento e caráter, características que demarcam traços importantes da formação da sua psiquê e comportamento. Abdias Neves parte dessas descrições para revelar elementos que figuram as raízes da identidade social e cultural do piauiense, ora diferenciando-a como identidade local, ora integrando-a à identidade nacional. As análises eram contextualizadas pelas lutas da Independência da Província, do estabelecimento da República e da corrida para o desenvolvimento e o progresso do País.

Nos três livros, a partir de estudos historiográficos que realizou, o autor segue em sua argumentação um contínuo de ideias com base no naturalismo e em explicações deterministas em que o homem é produto do meio. Neste caso, dar destaque para a alimentação, o clima, a geografia do lugar e as bases étnicas como definidores da tipologia do piauiense. Abdias Neves via no piauiense um tipo social de hábitos e posições constantes, ou seja, pouco dado a mudanças. Tais características, na opinião do autor, estavam em conformidade com as chapadas e várzeas monótonas, matas pouco diversificadas, rios pouco profundos, que tanto caracterizam nosso território, tendo a seca e o calor amornado o temperamento e o horizonte “aventureiro” do piauiense. Esta era a justificativa para a “passividade” do nosso povo, na opinião do autor. Em contraste, indicava o cearense como oposto do piauiense, devido às condições de vida que exigiam daquele povo um comportamento mais audaz, impetuoso e aventureiro.



Outro aspecto a destacar, de acordo com o autor, foi a marca que a cultura sertaneja imprimiu no piauiense. A colonização do estado, que se deu pelo interior, sob influência dos hábitos e costumes gestados pela monótona rotina das fazendas de gado, no entendimento do autor, deixou marcas profundas no modo de ser do piauiense. Para Abdias Neves, o gado criado nas fazendas espelhava o próprio homem piauiense: animal triste e que tão somente pastava manso no campo. O vaqueiro, figura típica daquela época, não tinha outra escolha senão a de seguir o gado, entorpecido pelo tempo infinito e constante das paragens que percorria sob o som do seu aboio. Estes foram os hábitos e valores transmitidos pela cultura do vaqueiro para as gerações seguintes, consolidando a passividade como uma das raízes da identidade cultural do nosso povo, na opinião do autor.

Trechos da obra *A Guerra de Fidié* (Neves, 1907/1985) são ilustrativos da forma como percebe o piauiense: “Tipo essencialmente firme nas convicções, constante nos hábitos, moderado nos impulsos. Não é reformador, nem sofre arrebatamentos. É um reflexo do meio” (p. 215). “Montesquieu já dizia que o calor define o corpo e entorpece a vontade: é certo. Ele entorpeceu a vontade do nosso sertanejo, fê-lo fraco no querer e tardo no agir” (p. 216)

Naturalmente que a tese de Abdias Neves sobre a passividade atávica do piauiense (Sousa, 2008) não foi recebida sem críticas. Seus contemporâneos questionaram um a um dos argumentos que figuravam o piauiense constituído por uma identidade e um tipo psicológico que comprometia e menosprezava o seu povo. Apesar das críticas, tal imagem foi a que perdurou como uma das marcas da identidade cultural do piauiense por muitas décadas. E que, no entendimento do autor, tão somente o uso da razão e de uma nova moral pautada na ciência positiva poderia refundar o homem piauiense como sujeito livre da cultura do atraso e da pequenez moral-religiosa e sertanejo-provinciana que afundava o estado do Piauí (Neves, 1907/1985).

Para os comentadores da obra de Abdias Neves, a escrita de *A Guerra de Fidié, O Piauí na Confederação do Equador e Aspectos do Piauí* traduz em certa medida o esforço do autor em integrar a historiografia local à nacional, assim como fizeram diversos autores regionalistas, a exemplo de Luís Antônio Vieira da Silva (1828-1889) em *História da Independência da Província do Maranhão*, quem o autor piauiense baseou-se algum dos argumentos para edificar algumas de suas obras.

Abdias Neves também foi buscar na erudição e atualidade do seu tempo os argumentos que sustentaram seus escritos. Destacam-se nesse sentido as ideias do Darwinismo Social, da Biologia e de pensadores da Política e da Sociologia. Nomes da Psicologia, notadamente dos precursores da Psicologia Social, também ajudaram a consolidar o conjunto de autores recuperados por Abdias Neves para fundamentar as ideias lançadas sobre o tipo piauiense. É o caso de Gabriel Tarde (1843-1904), em que fez uso de referências espaçadas, e também de Gustave Le Bon (1841-1931), utilizado de forma mais



sistemática, especialmente a partir das obras *A psicologia das multidões* e *As opiniões e as crenças*, para explicar as condutas e comportamentos individuais e coletivos dos piauienses, com inferências sobre sua personalidade e tipo social.

Para Souza (2008), tanto Gabriel Tarde quanto Gustav Le Bon foram autores bastante citados pelos intelectuais piauienses oriundos da Escola de Direito do Recife, como é o caso de Abdias Neves, sobretudo no início do Séc. XX, e por toda a década de 1930.

A segunda direção com que utiliza a Psicologia como recurso argumentativo está concentrada no livro *Um manicaca* (Neves, 1909) – marco na literatura piauiense por ser uma das primeiras obras em prosa rompendo com a tradição local de publicações poéticas. Neste, Abdias Neves fortemente influenciado pelo positivismo e pelo anticlericalismo dispara inúmeras críticas ao *modus* de vida venerado na capital do estado, no final do séc. XIX e início do XX. Trata-se de um modelo de sociedade notadamente marcada pela influência religiosa na organização dos costumes, do cotidiano da cidade, das reuniões familiares, da educação dos filhos e da constituição de si enquanto sujeitos identificados pelo medo e culpa impostos pela moral Cristã, e pela disciplina para a manutenção dos lugares sociais fixados pela sociedade da época.

As ideias de passividade e adequação, já aludidas anteriormente, são retomadas, mas não sob a influência dos aspectos físicos do lugar. Abdias Neves (1909) desloca seu argumento para a cultura religiosa e moral imposta pelo domínio da Igreja Católica. Para o autor, os preceitos invariantes das sagradas escrituras interpretadas a serviço da modelagem dos costumes, no qual “o padre é um censor implacável que vigia de perto o espaço privado a partir das confissões das mulheres” (Avelino, 2010, p. 64), reflete na ação de controle e disciplina, por parte da Igreja, sob a moralidade feminina e, por meio dela, do ambiente familiar. Isso consolida o “homem urbano” piauiense como ser pacato, acomodado e obediente (Souza, 2008).

Enquanto que nas obras historiográficas, Abdias Neves trabalhou diretamente com autores do campo psicológico explicitando suas ideias e análises, em *Um manicaca* o nosso autor desenha um típico quadro da sociedade teresinense de 1900, com fortes críticas aos costumes e a moral da época, com a compreensão dos dramas e o universo da trama que permeia os personagens, sempre envolvidos por dilemas psicológicos a partir das agruras pessoais, morais e sociais da época. Outro recurso utilizado foi estabelecer diferenças entre homens e mulheres, a partir dos papéis sociais que ocupam e das relações que desempenham no âmbito público e privado. Abdias Neves é implacável com suas críticas sob os comportamentos da sociedade da época que representavam o atraso e o obscurantismo moral-religioso-provincial, contrapostos aos novos e modernos costumes que são representantes do progresso de uma nova sociedade.

É o campo dos valores que é o objeto da obra *Um manicaca*. Com a sua literatura, Abdias Neves (1909) objetiva interferir no imaginário social do teresinense com a proposição



de abrir novos campos de representação e valores, que pudessem refundar o tipo piauiense por meio de uma espécie de reforma individual e social, colocando-o mais próximo do *ethos* republicano e civilizado.

A terceira direção do uso da Psicologia por Abdias Neves situa-se com a série de cinco artigos produzidos com o título *Noções de Pedagogia Aplicada*, publicados no Jornal Diário do Piauí, em 1914. Se antes utilizou a literatura como vetor de subjetivação para imprimir novos elementos geradores de identificação e sociabilidades nos teresinenses e sua cultura, nesta sequência de artigos Neves (1914, 17 de maio) o faz de forma mais prescritiva a partir da imprensa ao discutir sobre a infância e as formas mais adequadas de educar os filhos.

Esses escritos divulgam saberes sobre a infância, a partir de intensa prática discursiva também reforçada por outros escritores da época, como estratégia de interferir na forma como os pais e a escola educavam as crianças, no objetivo que superassem concepções e métodos que considerava arcaicos para a formação integral de jovens e infantes, por conseguinte, de futuros homens e mulheres da cidade (Castelo Branco, 2005).

Entre os principais argumentos de Abdias Neves (1914, 17 de maio) estava a importância de reconhecer a infância como uma etapa específica do desenvolvimento humano. Para tanto, explora ricas descrições do que entendia como necessário para formar as crianças nas dimensões física, intelectual e moral, longe das tradicionais práticas de austeridade, repreensão e punição que marcava a criação dos filhos pelos pais. Para o autor, tais práticas contribuíam para tolher a iniciativa e a autonomia do pensamento e da ação das crianças, formando-as com uma personalidade dependente e submissa.

Em seu entendimento, o trabalho pedagógico teria a missão de criar indivíduos aptos ao trabalho produtivo e úteis à sociedade. Para tanto, era necessário desenvolver práticas de atividades físicas sob os princípios da higiene, alimentação, vestuário, cumprimento de horários para manter o corpo em prontidão para realizar atividades cotidianas. Por outro lado, era imprescindível regular a conduta social das crianças para que internalizem regras e condutas, expressando traços de civilidade. A escola assumiria o lugar por excelência para encontrar falhas e intervir a partir de saberes das Ciências Jurídicas, Higiene, Medicina, Pedagogia e Psicologia, no objetivo de multiplicar novos hábitos, conduta moral, personalidade e comportamentos, com impactos inclusive no espaço e poder exercido pela família na criação dos filhos (Neves, 1914, 17 de maio; Castelo Branco, 2005).

Passamos no próximo tópico para a quarta direção, concernente à presença da Psicologia na obra considerada de maior erudição do autor.

Psychologia do Cristianismo

Publicado em 1910, em Teresina, pela *da Libro - Papelaria Veras*, a obra figurou como



golpe de maior expressão anticlerical ao já acalorado embate com os clérigos locais e os católicos mais fervorosos da capital piauiense. Para uns, *Psychologia do Cristianismo* foi acolhida como uma das mais perfeitas obras de crítica religiosa até então conhecida. Para outros, a exemplo de Padre Cícero Nunes, articulista do Jornal *O Apóstolo*, em Teresina, ou até mesmo os críticos do Jornal *A União*, da capital federal, deflagraram contestações efusivas a Abdias Neves e sua obra, ora tratando-a como plágio e deturpadora da história, ora com desqualificações pejorativas a imagem pública do autor (Pinheiro 2003). A denúncia de plágio se fundamentava na grande influência e proximidade da obra *A vida de Jesus* de Ernest Renan (1823-1892), na qual o autor em questão nega qualquer intervenção divina ou sobrenatural na vida de Jesus. Esta obra e outras mais, do mesmo autor, foram muitas vezes citadas em *Psychologia do Cristianismo* (Magalhães, 2015).

Apesar das controversas, Passos (1966), ao retomar algumas passagens do nosso autor, em seu livro *Abdias Neves: homens e eventos da sua época*, faz referência a recepção da obra pela imprensa, citando um artigo no Jornal *O Imparcial* da capital maranhense, que reporta “*Psychologia do Cristianismo* como uma obra de incontestável valor, que é a sua obra fundamental, tendo por isso mesmo merecido os mais justos elogios por parte da crítica nacional e estrangeira” (p. 84).

Mesmo em meio aos atritos entre os anticlericais e católicos, polarizando a opinião pública da época acerca do livro de Abdias Neves (1910), observou-se que *Psychologia do Cristianismo* não teve a repercussão esperada em outros círculos como o literário e o historiográfico, ou até mesmo entre os interessados na ciência psicológica. É Higinio Cunha, literato, bacharel em direito e político piauiense, contemporâneo de Abdias Neves, que reclama o silêncio em torno da obra do autor:

Esta obra não tem sido devidamente apreciada nos grandes centros de cultura intelectual do Brasil, onde talvez, nada exista a respeito que se lhe aproxime. Acreditamos, não obstante, ser ela destinada a longo futuro. Há de ficar como um monumento duradouro da literatura piauiense, senão da literatura nacional (Cunha, 1924¹, citado por Souza, 2008, p. 242).

Mas afinal, de que tratava *Psychologia do Cristianismo* para provocar a fúria de uns e o silêncio de outros?

A obra tematiza sobre o surgimento do sentimento religioso, da moral Cristã, da origem dos mitos, bem como sobre a elaboração da doutrina Cristã. Para isso, o autor estudou a origem dos mitos, a moral dos evangelhos, o meio e as épocas históricas, as tendências e todas as circunstâncias que fizeram parte da constituição desta doutrina. O objetivo era demonstrar que as concepções religiosas, especificamente o Cristianismo, foram desenvolvidas com base em mitos antigos criados por diferentes povos e que apenas são acrescidos de características novas, conforme determinada época, passando por uma espécie

¹ Cunha, H. (1924). *História das religiões no Piauí*. Teresina: Tipografia Piauiense.



de evolução e adaptação social do seu sistema de signos e símbolos.

O Cristianismo, na opinião do autor, não é nada mais do que a confluência de um mito evoluído. Para constituir-se como doutrina forte, no objetivo de estabelecer hegemonia e domínio no ocidente, a Igreja passou a investir na experiência e sentimento religioso, a partir de constituição de um eu psicológico, ou seja, de um plano individual que envolva a experiência de si, no objetivo de desenvolver consciências que internalizem dogmas e a doutrina, colocando o acesso à verdade religiosa somente como ato de fé e não à luz da razão.

O livro estrutura-se em nove capítulos: *Da formação dos mythos, ao culto sol; Do culto dos astros á civilização christan; Jesus e as prophcias; Jesus e os mythos solares; A Historia contra Jesus; Do judaísmo ao christianismo; O dogma da divindade de Jesus; A moral christan e O agnosticismo religioso contemporâneo*. Na sua construção, o autor desenvolve cada capítulo e seu sequenciamento a partir de séries históricas, em diálogo com autores de várias ciências, demonstrando o surgimento da criação do mito, e como este se dispersou em outros, incorporando novas formas e símbolos, a partir das exigências de cada época.

Para sustentar seus argumentos, compara e revela diferentes costumes e mitos das diferentes civilizações correlacionando nomes, cultos e outras práticas com aquilo que é percebido em muitas religiões. É por meio do estudo da linguagem de como os mitos foram formados, que levanta hipóteses sobre os mecanismos de funcionamento da mentalidade do homem primitivo na sua relação com as primeiras manifestações (experiências) religiosas.

A obra é marcada em todo o seu curso por notas explicativas com diversas referências a historiadores, linguistas, filósofos, filólogos, fisiologistas, antropólogos, sociólogos, psicólogos e outros, que se dedicaram ao estudo do homem primitivo e seus símbolos, mitos, com estudos comparados entre religiões, teologia, estudos sobre moral, consciência e outras faculdades mentais.

Colhemos ao longo do livro 213 notas bibliográficas, com destaque para os seguintes autores e obras, a partir da sistemática de citação utilizada pelo próprio autor: Edward Clodd, *Homem primitive*; Ernst Haekel, *Le monisme e Les énigmes de l'Unívers*; Edgard Quinet, *Le genie des religion*; Friedrich Max Müller, *Nouvelles études de mythologie*; Etienne Vacherot, *La religion*; Eduard von Hartmann, *La religion de l'avenir*; Raoul de la Grasserie, *Les religions comparées*; André Lefèvre, *La Philosophie*; Emile Ferrière, *Le darwinisme*; John Stuart Mill, *Auguste Comte et le positivismo*; Arthur Schopenhauer, *Sur la religion*; Marcel Hébert, *L'Évolution de la foi catholique*; Yves Guiot, *Étude sur les doctrines sociales du Christianisme*; Eugène Véron, *La morale*; Alfred Loisy, *L'Évangile et l'Eglise*; dentre outros. Tais obras indicam o quão atualizado e vasto era o conhecimento que Abdias Neves apoiava-se para fundamentar seu estudo, com consultas aos títulos citados no original.

Especificamente sobre as referências no campo da Psicologia ou obras que dialogaram diretamente com temas psicológicos citados pelo autor, listamos: Théodule-Armand Ribot



(1839-1916), psicólogo experimental, com as obras *La Psychologie de l'attention*, de 1888, e *La Psychologie des sentiments*, de 1896; Camille Bos (1868-1907), filósofo e psicólogo, com a obra *Psychologie de la croyance*, de 1902; Raoul de La Grasserie (1839-1914), jurista, com a obra *De la Psychologie des religions*, de 1899; Guillaume Ferrero (1872-1942), historiador e sociólogo, com a obra *Les Lois psychologiques du symbolisme*, de 1895; e Jacques Novicow (1849-1912), sociólogo, com obra *Conscience et volonté sociales*, de 1897.

Com base nestas obras, Abdias Neves (1910) demonstra certo aprofundamento sobre o tema para conjecturar sobre os mecanismos de funcionamento da mentalidade do homem primitivo, ancorado por algumas manifestações do psiquismo, citados no seu texto: movimentos reflexos, atenção, pensamento, consciência, imaginação. Nosso autor recorria a tais “processos” para justificar sua interpretação acerca do desenvolvimento da experiência religiosa. Em sua opinião, a experiência religiosa seu deu, inicialmente, da passagem da concepção mágica do mundo para a formação da racionalidade, característica da própria evolução da espécie e da civilização.

Apreendendo mais sobre a obra, espécie de uma síntese para contextualizar as principais ideias lançadas no livro, o autor descreve, com base em estudos antropológicos, o homem primitivo a partir de suas características físicas, preocupações, ânsias, medos e necessidades básicas de vida. Ao fazê-lo, compõe um rigoroso cenário argumentativo que sinaliza o homem primitivo na condição de indefeso frente aos fenômenos do meio natural. Além disso, ao percebe-se nesta condição, o homem primitivo mostrava-se temeroso por estar “preso” à vida imediata e à manutenção da sua existência enquanto ser vivente. O salto qualitativo para o desenvolvimento de alguns fenômenos do seu psiquismo, principalmente relacionados à “atenção voluntária” e à “consciência da sua fraqueza”, com refere o autor (Neves, 1910, p. 14), foram fatores importantes para que o homem primitivo sobrevivesse e fortalecesse seu gregarismo (vida em grupos). Além disso, foi por meio desses “processos” psíquicos que ele passou a defrontar-se e admirar-se frente aos mistérios da vida. Ainda para o autor, com o desenvolvimento de um “raciocínio rudimentar”, tal qual as crianças realizam, espécie de “infância do espírito” (p. 16), o raciocínio do homem primitivo realiza-se por meio da imaginação, que assume em seguida o caráter de força para buscar explicações imagéticas para os fenômenos e os acontecimentos que lhes acontecia ou que presenciava e supunha. É assim que passa a pensar em algo ou entidade como responsável por tais acontecimentos.

Nesta relação de perplexidade e medo com a sucessão de fenômenos com que se defrontava o homem primitivo, Abdias Neves (1910) interpretou o estabelecimento de outro fenômeno: o sentimento religioso a partir do despertar do homem primitivo da consciência religiosa originária, por meio da busca por sentido e tentativa de compreensão sobre o que se via e vivia (medos, inseguranças, perplexidades). A procura por explicações resultou, nas palavras do autor, na primeira forma de consciência: os mitos. Nesse sentido, Abdias Neves



expõe que os mitos nada são que efeitos da imaginação, movimento que é espontâneo do homem. Portanto, entende o estudo dos mitos como um caminho possível da ciência conhecer o funcionamento da mentalidade do homem primitivo, para compreender sua relação com as religiões e o próprio funcionamento do seu psiquismo.

Por meio da imaginação, nossos antepassados compreendiam o mundo regido por espíritos, considerados inicialmente como maléficos, pois eram responsabilizados pelas duras exigências e dificuldades da vida primitiva. Assim, os homens curvavam-se à presença de uma “existência” que entendiam ser mais forte. Se por um lado tais incertezas geravam certo deslumbramento e enriqueciam a imaginação ao tentarem compreender os mistérios e determinados fenômenos vividos, por outro, os primitivos padeciam com excessos de tormento e pavor. O medo era que formava os laços de solidariedade humana, fazendo com que as tribos se aproximassem e ficassem unidas a partir das crenças e temor às mesmas divindades, responsáveis pela condição imposta.

Como desdobramento, surgem os primeiros sacerdotes que passaram a ocupar o lugar de mediadores das divindades (espíritos), colocando-se como seus representantes. Os rituais e sacrificios constituíram-se como formas de intermediar alguma possível relação/comunicação com os Deuses. Com o segredo do sacrifício resguardado por quem o pratica, espécie de precursor do sacerdote, aquele que é o representante do sagrado, valoriza-se ainda mais a imaginação frente ao medo e a crença sobre o transcendente. O resultado é a criação dos mitos como forma explicativa para os fenômenos. Os estudos comparados em que o autor se apoia indicam o culto ao Sol como um dos mitos mais antigos da nossa civilização e adorado por vários povos.

Ao deter-se de forma mais pormenorizada sobre o surgimento dos mitos e rituais, Abdias Neves (1910) encontra inúmeras semelhanças entre diversos povos e culturas. Parte do pressuposto de que a busca por explicações e a curiosidade faz com que o espírito humano procurasse construir alicerces (faculdades mentais) para interpretar os fatos da natureza (e fora dela). Daí surge o nascimento da inteligência humana e as primeiras tentativas para a elaboração de uma “teoria do universo” ou explicação dos fenômenos, de acordo com o entendimento do autor, considerando que em muitos povos há diversos pontos de semelhança e conexão entre essas explicações.

Assim propõe, na esteira de outros estudiosos sobre o tema (obras citadas anteriormente), refletir sobre a linguagem e seus princípios ao observar a formação dos mitos, compreendendo-os como terreno fértil para aprofundar estudos futuros sobre os estados de consciência do homem primitivo, portanto, sobre sua psicologia.

Para fundamentar essa tese apoia-se nos argumentos de que

As criações poéticas de um povo são uteis ao historiador como afirmações de sua intelectualidade, não é menos valioso o estudo de seus *mythos* como documentos de estados psicóticos. (...) E, como consequência necessária



d'essa ordem de estudos, a anthropologia ocupou-se da modesta e imperfeita organização social, de sua família, costumes, tendências, paixões, lendas, praticas religiosas, ficando robustecida, para pouco a pouco, determinar o papel do homem no mudo physico, e estudar as recíprocas influencias do individuo e do meio, aproveitar, mesmo, os documentos psychologicos espalhados nos symbolos, nas lendas e nos mythos e precisar as condições da mentalidade do homem primitivo (Neves, 1910, pp. 43-44).

As análises que realiza ao longo da obra indicam a presença de duas tendências para a compreensão do desenvolvimento da linguagem na formação dos mitos: uma conservadora, outra modificadora. Além disso, ambas são moldadas pela economia da ação e comodidade, espécie de lei do menor esforço. Ao estudar os mitos de diferentes culturas, México, Inca, Pérsia, Egito, Índia e Polinésia, percebe a repetição da estrutura de determinados rituais, como o batismo (ritual semelhante ao católico), a confissão, oferendas com sangrias, sacrifícios, festividades do casamento, etc., voltados para os cultos astrais, criados para explicar ou interceder sobre as forças que interpretavam como governantes do mundo e do universo. Entende constar nestes rituais elementos que expressam resquícios de mecanismos da mentalidade do homem primitivo. Apesar de não explorar quais, o autor compreende que esses mecanismos são organizados por uma invariante, espécie de conservação ou reprodução de elementos nesses rituais, que se repetem em várias tribos e povos. Tal invariante constitui-se como a primeira característica daquilo que chamou, sem maiores explicações e aprofundamentos, de lei psicológica dos povos primitivos.

Por outro lado, persegue outra tendência da linguagem na formação dos mitos, que é a modificadora. Percebe na evolução dos mitos, rituais e lendas, que antes eram essencialmente astrais, tendo o culto ao astro solar o principal, mudanças na forma de organização simbólica e explicativa dos mesmos. A principal delas foi sua antropomorfização e o surgimento de elementos escatológicos com referências sobre o fim do mundo e dos homens, acompanhado da profecia de um lugar para a salvação ou continuidade da vida, aspecto muito próprio de quase todas as doutrinas religiosas.

Abdias Neves (1910) narra, a partir do relato de diversos povos, como o culto aos astros, destacando o sol e o elemento fogo, induziu de maneira gradativa a formação da civilização Cristã. Se em um primeiro momento, a “lei psychologica da unidade do espírito humano”, espécie de uma invariante “que se reproduz um pouco em toda parte e em todos os tempos” (p. 47), constitui a base para as formas explicativas imaginárias (mitos) que se apresentam entre muitos povos. Noutro, essa mesma invariante sofre adaptações em sua constituição, modificando-se e fazendo sobreviver elementos simbólicos de determinados cultos e mitos que ganharam mais força e prestígio ao longo do tempo.

Ao prosseguir com as análises sobre o Cristianismo como mito evoluído, apresenta exemplos da tendência modificadora no desenvolvimento da linguagem na formação dos



mitos a partir do simbolismo do domínio do fogo, representante máximo da força do astro (deus) solar, que foi adaptado por muitos até consolidar o mito Cristão.

A ação do *pramantha*, ao esfregar um instrumento rudimentar (dois pedaços de madeira, um pontiagudo, outro como uma cavidade) a partir do movimento de rotação da ponta em cavidade, faz brilhar a fagulha e acender o fogo. Logo, um novo rito é criado. Em seguida, foram incorporados ao rito de produzir fogo elementos simbólicos como o óleo puro e bebidas fermentadas extraídas de plantas com teor ácido, da espécie *asclepiade ácida*, por exemplo. Em algumas culturas essa bebida era chamada de *soma*, pois ao queimar produzia fumaças que seriam mensagens aos céus pedindo que os maus espíritos fossem destruídos e as pessoas amigas protegidas.

A partir de então, o *pramantha* ganha distinção entre os homens, amigo dos Deuses, literalmente “o *carpinteiro (ivashlar)* do mundo” (Neves, 1910, p. 50, itálicos do autor). Assim, não se fazem mais necessários sacrifícios. E do ritual de produzir a centelha divina (fogo), a partir de dois pedaços de madeira, um penetrado no outro, na forma de cruz, nasce a ideia de *Agni* (conhecida posteriormente como divindade hindu do fogo) justamente do ponto de junção, que no Cristianismo será transmutada, ao longo da evolução dos mitos, para ideia do cordeiro de Deus (*Agnus Dei*). Essa é a origem da cruz, que, longe de ser um instrumento de *opróbrio*, era um instrumento sagrado muito antes da civilização Cristã. Tal acontecimento na história dos povos antigos, para Abdias Neves, abre a história das religiões.

Apoiando-se nos estudos de religião comparada e de autores do evolucionismo, tenta demonstrar como os mitos e as crenças espirituais, de forma geral, migram e incorporam novos elementos e significados até ganharem a forma de um dogma, mesmo guardando resquícios de formas primitivas. Como exemplo, cita inúmeras passagens sobre os hebreus que continham tradições dos sacerdotes egípcios, sendo que o contato com os povos caldeus significou mudanças tanto na linguagem quanto na emancipação do messianismo que não demorou a se expandir, principalmente por Roma, solo fértil para o Cristianismo.

Na opinião do autor, a história de Jesus encontra força para sobressair-se entre os demais mitos em razão da estrutura mental que porta, tanto individual quanto coletiva, constituída a partir da cultura e imaginário dos povos desde os primitivos. Assim, entende que Cristo nada mais é que a confluência da repetição e modificação dos mitos anteriores, criados pelo homem para dar sentido e apaziguar seus medos, anseios e temores, presentes e futuros, a partir da consciência que se forma em relação ao lugar e o tempo que vivem.

Em outra direção, Abdias Neves (1910) descreve que a moral Cristã gira em torno da concepção filosófica do princípio dualista da matéria e do espírito, bem como sobre as tendências messiânicas dos judeus em torno da crença do fim próximo do mundo e o grande julgamento das condutas e das consciências. O autor explica que é destas tendências e dualismos que emanam as negações sociais de fundo pessimista, que são os pontos culminantes da moral dos Evangelhos para reafirmar os dogmas e a crença na salvação. As



principais são a exaltação do sofrimento e a substituição da ideia de justiça pelo arbítrio da graça; ou seja, para que as pessoas alcancem a salvação é necessário que tenham uma vida pautada na obediência dos preceitos divinos e daquele que detém ou é próximo da Verdade.

Para o autor tal condição está completamente coincidente com o temor do homem primitivo no alvorecer da sua história, pois foi o sentimento de medo que fez despertar no homem as formulações do seu imaginário sobre o que seria Deus, uma força maior e que estaria acima dele, a quem deveria devoção, respeito e temor. Os dogmas que o Cristianismo prega certamente se aperfeiçoaram, porém, apresentam a mesma forma de aprisionamento do sentimento e consciência dos homens. Assim, mesmo no mundo moderno o homem continuou se submetendo ao sofrimento, sendo que a resposta para sua dor estaria fora dele ou em outro mundo.

Ao propor a análise acerca da evolução histórica do Cristianismo, Abdias Neves (1910) o circunscreve em três períodos: o primeiro de flutuação do pensamento religioso, depois a fixação da doutrina, e por último a dissolução e o enfraquecimento da autoridade da Igreja. Esta última teve como consequência a emancipação da consciência moderna. Para fundamentar a última parte da obra, nosso autor recorre a Galileu Galilei, Johannes Kepler, René Descartes e Francis Bacon, pois foram homens que “fundaram uma autoridade nova para o espírito humano, a autoridade da razão e da ciência” (p. 257).

A partir dos pensadores mencionados tivemos o surgimento de uma nova direção para o pensamento universal que vai contra o dogmatismo e a tradição, movido pelos *philosophos da Encyclopedia*, que teve como fruto e reflexo a evolução da consciência política. O autor reforça que nunca a sociedade tivera noção nítida do valor do indivíduo, da verdade e da liberdade e dos direitos. Assim, argumenta que através da ciência começa a surgir revelações acerca dos enigmas do universo, emergindo explicações *psicológicas* do fenômeno religioso.

Citando nomes como de Georges Cuvier, Johann F. Meckel, Richard Owen, Thomas Huxley, com estudos sobre antropologia, fisiologia e anatomia comparada; Baptiste Lamarck, fundador da embriologia; Johannes Müller, que estabeleceu as bases da morfologia e dos estudos sobre fatores psicológicos e fisiológicos comparados; Theodor Schwann e Matthias Schleiden, com a teoria celular; Charles Darwin com a teoria da evolução e seleção natural das espécies; Herbert Spencer com a teoria do darwinismo social; Ernst Haeckel, com a filosofia monista; o próprio Wilhelm Wundt, com as observações sobre psicologia experimental; Franz Bopp, com a filologia comparada; e estudos sobre ciência das religiões, dos mitos e dos símbolos, por Eugene Burnouf, Friedrich Max Müller, Friedrich Wilhelm Joseph Schelling e David Friedrich Strauss, entre outros, nosso autor argumenta que todas essas revelações trazidas pela ciência tiveram como consequência a fragilização do Cristianismo e seus dogmas.



Questões que antes eram consideradas como algo divino, e sob a interpretação da Igreja, começaram a entrar para o domínio das leis físicas, e a própria religião passou a sofrer análises através de métodos históricos e científicos.

Como saída, Abdias Neves (1910) explica que a Igreja encontrou na fé seu estratagema de defesa. Para minimizar o conflito existente com a cultura moderna e salvar a religião, a Igreja recorreu à doutrina da imanência, a partir de Georges Michelet, base da filosofia religiosa contemporânea para aproximar Deus do homem. Essa doutrina retoma as ideias do *Fideísmo*, tendência religiosa que prega que as verdades metafísicas, morais e religiosas, que vinha evoluindo desde as ideias gerais de Immanuel Kant.

Assim, Abdias Neves (1910) finaliza a obra afirmando que não há como negar a tendência de um Deus interior, da fé pessoal e do individualismo religioso. Para ele tais concepções expressam a maior evolução do mito Cristão, pois se tomarmos o evolucionismo das crenças desde o homem primitivo ao atual, formou-se na estrutura mental dos povos uma espécie de zona obscura do pensamento ou da memória individual e coletiva, chamada subconsciente, território permeado de possíveis registros simbólicos, historicamente construídos, daquilo que ligaria o homem a ideia de Deus. Tais conteúdos (material simbólico) modificaram-se ao longo dos tempos, resultando numa experiência pessoal.

Em suma, é por este edifício argumentativo que o autor compreende que no processo evolutivo iniciado ainda com o homem primitivo e que alcançou o atual, fez-se nascer a experiência religiosa que constituiu a base para a constituição de um “eu psicológico”, que inclusive foi responsável pela experiência do individualismo religioso, solo para internalizar dogmas e doutrinas, especialmente a Cristã.

Considerações finais

Não pretendemos neste artigo analisar o conjunto da obra de Abdias Neves, e muito menos o livro *Psychologia do Cristianismo* em específico, quer seja em termos da coerência interna do texto, quanto às interpretações realizadas, e muito menos quanto aos fundamentos lógicos e os argumentos que o autor se embasou para fundamentar e erigir suas ideias, inferências e conclusões. Essa é uma tarefa, quem sabe, para futuros estudos. Nossa intenção foi tão somente referenciar a importância de um livro esquecido pelos piauienses, inclusive para nós, psicólogos.

Psychologia do Cristianismo trata-se, sem dúvida, de uma obra atualíssima para o seu tempo, pois toma a Psicologia como argumento central para pensar a questão do nascimento dos mitos, suas transformações e as relações com a religião, além do fato de que, é possível, que tenha sido um dos primeiros livros nesta vertente no país.

É inegável que a obra de Abdias Neves dialoga com uma vasta, diversa e atualizada literatura para sustentar os argumentos e análises propostas. Igualmente, não poderíamos



deixar de fazer referência das proximidades entre a *Psychologia do Cristianismo* de Abdias Neves, no Brasil, e os estudos da *Völkerpsychologie* de Wilhelm Wundt, na Alemanha.

Apesar de ser considerado o pai da Psicologia, Wundt entendia que não era possível estudar os processos mentais mais profundos de maneira experimental, por isso defendeu uma Psicologia como ciência humana e social que analisava fenômenos mentais em suas manifestações externas no âmbito da cultura. Para tanto, traz a público, entre 1900-1920, uma vasta obra chamada de *Volkerpsychologie: eine Untersuchung der Entwicklungsgesetze Von Sprache, Mythos and Sitte*, que teve as primeiras referências publicadas ainda em 1888 com o trabalho *Über Ziele und Wege der Völkerpsychologie* (Araújo, 2010). Nesta linha de estudos, Wundt volta seu interesse para outra ordem de fenômenos psicológicos, que apreendidos por meio da linguagem, da religião, dos costumes, dos mitos, da magia e fenômenos afins, são considerados imprescindíveis como referenciais para uma história psicológica do desenvolvimento da humanidade (Araújo, 2010).

Por tais particularidades é que compreendemos *Psychologia do Cristianismo* como um livro de primeira importância, que não pode mais permanecer completamente desconhecido da nossa categoria profissional e das agências formadoras de psicólogos no estado do Piauí, conseqüentemente, das disciplinas de história da psicologia, desprovidas de qualquer informação sobre a psicologia na realidade piauiense, muito menos de iniciativas de pesquisas que aprofundem o tema ou que abram outros linhas de investigação para que se reverta este quadro desconhecimento.

O silêncio em torno do livro Abdias Neves é tamanho, que nas bibliotecas públicas da capital do Piauí encontramos somente dois exemplares da obra: um na Academia Piauiense de Letras, da qual o nosso autor foi o primeiro ocupante da cadeira de n.º 11; e o outro no Arquivo Público do Estado do Piauí, que por serem os únicos torna o acesso difícil. Nem na biblioteca municipal, homenageada com o nome de Abdias Neves, há exemplares dessa obra. Deste modo, percebe-se que *Psychologia do Cristianismo* caiu no esquecimento, praticamente sem exemplares disponíveis para acesso público, desde sua primeira edição em 1910. Foi somente em 2015, que a obra ganhou uma segunda edição, por meio da Coleção Centenário da Academia Piauiense de Letras.

Retomar e (re)conhecer a importância de *Psychologia do Cristianismo* de Abdias Neves, inclusive com possibilidades de investigações futuras sobre a obra, é um passo importante para compreendermos as origens, influências e o solo cultural que acolheu as principais ideias que circularam sobre nossa ciência nos artigos, periódicos e folhetins publicados na imprensa local e nos discursos e livros de intelectuais piauienses. Não podemos esquecer que tais homens foram grandes divulgadores da Psicologia nas primeiras três décadas do Séc. XX em Teresina. Talvez este possa ser um solo rico para futuras investigações científicas sobre o tema no sentido de contribuir e desvelar um maior número de elementos sobre o tempo presente que tem nos conformado profissionais, bem como



sobre as alianças institucionais e as escolhas teóricas e metodológicas que temos nos filiado em nosso estado. Restituir essa história é um grande começo para suprimirmos a falta de referências sobre a memória da Psicologia no Piauí.

Referências

- Antunes, M. A. M. (2012). A psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(spe), 44-65. dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005
- Araújo, S. F. (2010). *O projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: uma nova interpretação*. Juiz de Fora, MG: UFJF.
- Avelino, J. G. M. (2010). *As escritas dos bacharéis: a ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI.
- Castelo Branco, P. V. (2005). *Famílias e escritas: a prática discursiva dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.
- Feitosa, A. A. (2006). *Relações de gênero e naturalismo no romance Um manicaca, de Abdias Neves*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI.
- Magalhães, S. R. (2015). Prefácio à 2ª edição de *Psicologia do cristianismo*. Em A. Neves. *Psicologia do Cristianismo* (2a ed.). Teresina: Academia Piauiense de Letras.
- Massimi, M. (2009). Novas questões temáticas e desdobramentos metodológicos na história dos saberes psicológicos. *Temas em Psicologia*, 17(1), 15-20. Recuperado em 06 de abril, 2017, de pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100003&lng=pt&tlng=pt
- Neves, A. (1909). *Um manicaca*. Teresina: Campos Veras.
- Neves, A. (1921). *O Piauí na Confederação do Equador*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Neves, A. (1926). *Aspectos do Piauí: formação territorial, composição étnica, valores econômicos, organização política*. Teresina: Tipografia do Piauí.
- Neves, A. (1910). *Psychologia do cristianismo*. Teresina: Libro-Papelaria Veras.
- Neves, A. (1985). *A guerra do Fidié* (3a ed.). Teresina: Projeto Petrônio Portela. (Original publicado em 1907).
- Neves, A. (1914, 17 de maio). Noções de pedagogia aplicada. *Diário do Piauí*, 2.



Passos, A. (1966). *Abdias Neves: homens e eventos da sua época*. Teresina: s.n.

Pinheiro, A. P. (2003). *O desmoronar das utopias - Abdias Neves (1876- 1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Souza, P. G. C. (2008). *História e identidade: as narrativas da piauiensidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI.

Nota sobre os autores

João Paulo Macedo é doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí. E-mail: jpmacedo@ufpi.edu.br

Mayara Carneiro Alves Pereira é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: mayaracap@hotmail.com

Francisca Maira Silva de Sousa é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: mairasousa17@hotmail.com

Naira Janiery G. Cordeiro Carvalho é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: nairaufpi@gmail.com

Dania Mendes Ribeiro é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: dania_mr@hotmail.com

Natalia de Souza Silva é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: psiquenatalia@hotmail.com

Data de recebimento: 07/04/2017

Data de aceite: 15/10/2018